

REPENSAR A ESCOLA À LUZ DAS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO/CULTURAIS DO SÉCULO XXI***RETHINKING SCHOOL IN THE LIGHT OF THE SOCIAL/CULTURAL TRANSFORMATIONS OF THE 21ST CENTURY*****II SIMPÓSIO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UMA EDUCAÇÃO PARA TOD@S É POSSÍVEL?
CURSO PEDAGOGIA – UNIVERITAS/UNG – CAMPUS CENTRO**Douglas Paulino Barreiros¹

Resumo: O filósofo francês Michel Foucault argumenta em diversos textos que a escola é uma instituição fundamentalmente disciplinadora. Assim como a clínica e o presídio, o colégio tem por objetivo central a construção de corpos dóceis plenamente adaptados a padrões de comportamento que respondam a corporalidades e sexualidades idealizadas. O contemporâneo Paul B. Preciado, filósofo espanhol, argumenta que a clínica e as instituições apresentadas por Foucault passam por processo de profunda transformação no século XX perdendo espaço para dois novos aparatos de verificação e controle que surgem a partir da revolução industrial e da entrada em cena da lógica neoliberal. Os novos aparatos de verificação são hoje a mídia e o mercado. O texto que segue procura descrever esses processos a fim de compreender como se localiza a escola frente essas transformações.

Palavras-chave: Educação sexual. Disciplinamento. Neoliberalismo. Mídia.

Abstract: *The French philosopher Michel Foucault argues in several texts that the school is a fundamentally disciplinary institution. Like the clinic and the prison, the central objective of the college is the construction of docile bodies fully adapted to behavioral patterns that respond to idealized corporealities and sexualities. The contemporary Paul B. Preciado, a Spanish philosopher, argues that the clinic and institutions presented by Foucault undergo a process of profound transformation in the twentieth century losing space for two new verification and control apparatuses arising from the industrial revolution, as well as of neo-liberal logic. The new verification apparatuses are home to the media and the market. The text that follows tries to describe these processes in order to understand how the school is located in front of these transformations.*

Keywords: Sex education. Disciplining. Neoliberalism. Media.

¹ Graduação em Letras, Mestrado em Letras, Doutorando em Educação e Saúde



Dia longo de trabalho seguido de uma noite silenciosa e fria. Tudo indicava que aquelas circunstâncias proporcionariam repouso prazeroso, pleno e revigorante. Contudo, o que se passou foram horas tensas e cansativas empregadas na busca, inútil, pelos encantos de Orfeu. Por vezes ficar quieto, relaxar, refletir acerca do dia é suficiente para alcançar esse propósito, mas naquela noite específica optei por um caminho, ao menos a mim, extremamente eficaz quando desejo ou preciso adormecer; tomei o controle remoto e acionei o *power* do aparelho de televisão.

Nessas ocasiões o que menos importa é o conteúdo da transmissão. Para propósitos oníricos, bastam a baixa luminosidade e os efeitos sonoros. Ao ligar o aparelho percebi se tratar de um *talk show*, igual a tantos que circulam pela mídia, grande sorte a minha, pois nesse caso o desinteresse decorrente do lugar comum dos programas de entrevista seria grande aliado. Todavia, a primeira fala que me chegou aos ouvidos afirmava que a escola perdeu seu sentido e razão de ser. O argumento dos entrevistados estava centrado no fato, incontestado de acordo com eles, de que as instituições de ensino estão ultrapassadas. Ao invés de estimular as crianças, as práticas escolares afastam o desejo e o gosto pela aprendizagem. Dito assim, de imediato, esse conteúdo discursivo colocou-me ainda mais distante do tão desejado mundo dos sonhos.

Ana Thomaz, educadora e pesquisadora, assim como seu companheiro Fábio Marcoff, defendia ideias intrigantes acerca da educação escolar. Para ambos a escola é arcaica e não tem mais legitimidade para exercer a educação humana, uma vez que trabalha com conhecimentos inúteis e

completamente afastados dos reais interesses das crianças. Para eles, o colégio não permite que o sujeito se desenvolva, uma vez que aplica o mesmo conteúdo, preestabelecido, a todo estudante indiscriminadamente. Fora isso, cobra resultados igualmente adequados dos educandos sem atentar para as individualidades e talentos pessoais. Ao invés de motivar, a escola massifica, desestimula e padroniza. Amparados nessa premissa, e em exemplos bem-sucedidos de famílias estadunidenses, o casal decidiu, há anos, retirar os filhos do sistema educacional para exercer a formação integral dos mesmos no espaço doméstico.

De fato, muito do que disseram faz sentido, há muito se tem debatido, estudado e pesquisado acerca do fracasso escolar, o que aponta ser necessária a discussão proposta pelo casal. Baixos índices, violência, evasão são algumas das mazelas apontadas por eles, bem como por educadoras, pais e sociedade. Ao refletir sobre o conteúdo da entrevista pude notar que os argumentos apresentados ecoam vozes diversas que buscam respostas e saídas para a chamada crise educacional. O que a princípio me pareceu original, rapidamente levou-me a perceber que a problematização que trazem vem, em verdade, de longa data.

Em 1963, Michel Foucault escreve “O nascimento da clínica” argumentando que este é um aparato de verificação e controle de corpos com objetivo específico alinhado a um regime político vigente no século XIX, que visa a construção de um corpo nacional sã. A clínica, para ele, tem ramificações. Outras instituições compartilham com ela propósitos equiparados com esse projeto político. Ajustados aos propósitos da clínica estão o



museu, o espaço doméstico, as religiões e a escola.

Essas instituições estabelecem representações que legitimam corpos possíveis e não possíveis. A base de classificação das corporalidades centra-se na produção e reprodução, elementos basilares da sociedade pós-revolução industrial, meados do século XVIII. O “corpo nacional são” precisa responder a essa necessidade produtora e reprodutora. Nesse sentido, o corpo masculino “íntegro” é aquele capaz de produzir espermatozoides, ao passo que o feminino sadio se restringe a constituições físicas possuidoras de úteros. Supervalorizam, portanto, fluidos e órgãos corporais que se alinham ao processo de industrialização, como dito anteriormente. Assim como as máquinas, os corpos precisam ser produtivos e reprodutivos. Corporalidades que escapam a essa norma são classificadas como enfermas, são patologizadas pelo viés biológico, como pessoas intersexuais, estéreis, ou pela via psíquica, como os “invertidos” (homossexuais), as histéricas e os loucos.

Esses aparatos designam padrões corporais masculinos e femininos a partir, e por meio, de discursos amparados na força científica médica ou psicanalítica que representam os corpos como verdades anatômicas. Nesse ideal de corpo inscreve-se também o de sexualidade centrada, essencialmente, na heteronorma, ficando a parte do projeto nacional de “corpo são” o corpo masturbador, prostituto, sífilítico, imigrante, negro, estéril, enfim, toda expressão corpórea considerada incapaz de práticas sexuais produtivas e reprodutivas. Para Paul B. Preciado (2015), esse processo

é a síntese da primeira industrialização da sexualidade.

Em “Vigiar e Punir”, Foucault (1998) argumenta que a prisão e outras instituições, dentre elas a escola, opera vigilância e controle sobre os corpos a fim de corrigir todo desvio que não corresponda ao que se considere normal e/ou natural. O estudioso alega que essa gerência vigilante é um tipo especial de arbítrio a que chama “poder disciplinar” exercido em rede cujo alvo é a submissão dos sujeitos ao olhar permanentemente concatenado às técnicas corretivas embasadas na diferenciação, comparação, hierarquização, homogeneização e exclusão dos sujeitos.

Assim como a prisão, a escola é um meio de confinamento cuja finalidade central é impor certo disciplinamento que objetiva a normalização de condutas. Esse poder disciplinar dita padrões comportamentais limitados a heteronormatividade branca, patriarcal, masculina e europeia. Os mecanismos de controle institucional buscam prevenir ou remediar comportamentos, expressões de corpo, gênero e sexualidades desviantes dessa norma.

Os dispositivos de poder que circulam socialmente são estabelecidos sobre o sistema jurídico que estipulam legislação, bem como meios de punição para quem a infringir. A fim de que a vigilância seja garantida são também instituídos mecanismos de segurança como a polícia, autoridades religiosas, professores e mestres que cuidadosamente vigiam transgressores declarados ou mesmo potenciais.

As instituições disciplinares, como a prisão, a família e a escola, necessitam de estrutura espacial para circular. As cidades



são arquitetonicamente organizadas para que sejam funcionais e permitam a circulação de pessoas e comércio. Assim, os espaços mais amplos da polis, além de garantirem moradia, são reservados a esse propósito. As ruas são fundamentais para esse propósito, uma vez que por elas circulam pessoas, meios de transporte que são fundamentais para entrada e saída de comércios interligando estabelecimentos, fábricas, além de possibilitar a interligação e aproximação entre cidades. No campo, por sua vez, ficam exclusivamente os camponeses. Essa forma de organização espacial tem origem no território do soberano, arquitetado no século XVIII. Todo esse arranjo ambiental da cidade se sustenta sobre a vigilância, a punição e o disciplinamento; “sorria, você está sendo filmado!”. Os espaços urbanos são, essencialmente, disciplinadores e reguladores.

Vigilância, punição e disciplinamento são mecanismos de poder que se articulam por meio de múltiplas tecnologias. Estas, por sua vez, são muitas e variadas pensadas para agirem sobre os corpos regulando toda sua atividade social, profissional, sexual. A isso, Foucault chama “biopoder” que é a sujeição da vida, dos corpos, seus fluidos e órgãos. Há um regime de poder instituído que determina quem merece viver ou morrer.

De acordo com Paul B. Preciado (2015), a partir do século XX a “clínica” e suas ramificações apresentadas por Foucault, sucumbiram. Esse processo se iniciou com os movimentos sociais antiescravistas, anticolonialistas, feministas e homossexuais que se organizaram no início do século XX. Soma-se a esse processo a entrada da lógica neoliberal e imperialista. Essas alterações políticas sociais e culturais colocaram em

xeque os aparatos de verificação operantes nos séculos XVIII, XIX e início do XX. Não significa, contudo, dizer que foram substituídos, mas perderam sua força para dois grandes aparatos surgidos com essa alteração histórica e social; a mídia e o mercado.

Com isso, o corpo máquina, produtivo e reprodutivo, construído pelo discurso clínico, converte-se em corpo consumidor. Esse é um dos resultados da lógica neoliberal que promove o desenvolvimento tecnológico, mas também, e, sobretudo, a exclusão social gerada pelas leis de competitividade pressupostas na ampla liberdade comercial. Além de aumentar a distância entre ricos e pobres, os corpos possíveis passam a ser aqueles com maior capacidade consumidora. Por um lado, opera-se a oferta de todo tipo de produto; por outro a forte propaganda midiática que visa seduzir e despertar o desejo pelo consumo indiscriminado. A sexualidade passa, então, pela segunda industrialização.

No que tange as sexualidades, Paul B. Preciado (2015) argumenta que o mercado produz e oferece aos corpos contemporâneos toda gama de produtos chamados pelo filósofo de indústria farmacopornográfica. Exemplifica os métodos anticoncepcionais como um desses tipos de mercadorias amplamente divulgadas e consumidas na atualidade. A cada ano a indústria pornográfica cresce e se aprimora. Inúmeros são os produtos vendidos em “sex-shoppings”, além de filmes, vídeos e mesmo músicas compondo a indústria farmacopornográfica que além de fazer circular dinheiro, coloca em circulação uma pedagogia específica. Os filmes “ensinam”



comportamentos, posições, fantasias e performances sexuais.

Para além desses produtos, também surgem um conjunto de aparatos e técnicas de reprodução assistida. Tecnologias avançadas que separam definitivamente o sexo da reprodução, mas que não é acessível a todas as pessoas, reservando-se a quem tem condições financeiras para “consumir” e “usufruir” desses aparatos de reprodução humana.

Na década de 1980 ocorre a primeira pandemia da sociedade neoliberal, inaugurando, assim, a condição corporal farmacológica. Trata-se da AIDS, que, como se sabe, não é uma doença, mas uma síndrome. O corpo infectado com o vírus HIV não está doente, mas em estado viral. Essa nova infecção foi a primeira perturbação na saúde a ser televisionada e os primeiros casos apresentados pela mídia tinham a marca da morte e do castigo divino. Setores mais conservadores, como os fundamentalistas religiosos, não se esquivaram do debate e vieram a público afirmando ser esta “doença” a “peste gay” ou “câncer gay”, a conta que todo desviante sexual deveria pagar. Com relação a indústria farmacológica a discussão central não foi acerca da busca da cura, mas da disputa pela patente dos fármacos que começaram a ser desenvolvidos.

Os grupos de infectados foram os primeiros a perceber que na contemporaneidade os corpos são, além de alvo de docilização, consumidores potenciais. Nesse contexto surgem os primeiros movimentos antifarmacológicos, como o *Treatment Activism*; *Medications for all Nations* e *Open the Pills*. As pautas centrais desses movimentos podem ser localizadas em

dois campos principais, como apontado por Paul B. Preciado (2015): crítica às representações midiáticas televisivas dos infectados pelo HIV e a desaprovação frente a indústria farmacológica centrada na disputa de patentes tendo em vista os lucros vindouros da venda de seus fármacos.

Esses coletivos trazem consigo uma marca comum, que também se faz presente no movimento LGBT desde seu início, que é o fato de serem agrupamentos de “enfermos ativistas”. Conforme apontado anteriormente, pessoas LGBTs foram historicamente classificadas como doentes por meio de práticas discursivas médico/jurídicas. Ainda hoje muitos setores, como transexuais e transgêneros, são categorizados como desvios patológicos.

Para além dessas críticas, os “enfermos ativistas” questionavam também os testes realizados para a produção dos medicamentos de combate a pandemia. As primeiras testagens, além de provocarem efeitos colaterais terríveis, eram restritas a pequenos grupos. Conforme apontado por Preciado (2015), merece destaque o movimento *Open the pills* que se colocou contra os protocolos científicos de testagem que separa grupos de infectados entre os que tomavam o AZT, primeiro remédio produzido para combater a síndrome, e outra parte que recebia administração de placebos. Os militantes exigiam que se administrasse o medicamento a todos os infectados, pois assim, um número maior de pessoas teria chance de sobrevivência. Esses movimentos propõem, portanto, novos modos de se pensar a saúde, não apenas isso, mas também renovadas formas de se produzir conhecimento e verdade.



Vários laboratórios foram organizados por esse coletivo com o objetivo de abrir as pílulas e estudar o que estava sendo ministrado aos portadores do vírus HIV. Isso aponta que se tratou de organismos militantes de resistência, mas também podemos compreendê-los como uma metáfora do conjunto de práticas de resistência ao neoliberalismo que exige ações coletivas para “abrir as pílulas” que estamos tomando e consumindo.

Neste sentido, retomo o diálogo com os entrevistados do *talk show* que cito no início deste texto. O que propõem faz sentido se pensarmos numa perspectiva de transformação e renovação da escola, não sua destruição ou negação de seu valor. Tirar as crianças desse espaço não é saída inviável, tampouco inteligente. Antes, o que precisamos propor é fazer o que a metáfora do *Open the pills* sugere - questionar o modelo escolar, sua estrutura, currículo, metodologias e práticas.

Paul B. Preciado (2015) nos aponta o caminho ao demonstrar que os antigos aparatos de verificação e controle se transformaram. A escola com objetivos de disciplinamento e controle não surte mais nenhum efeito, pois crianças, adolescentes e jovens que hoje se encontram sem seu interior são disciplinados, educados por outros mecanismos, sobretudo midiáticos e farmacopornográficos, como vimos discutindo no decorrer deste escrito. Portanto, cabe a escola ser repensada para que se converta em espaço de desenvolvimento humano pleno e plural.

A escola que historicamente se construiu como o espaço de massificação e reprodução de conhecimento respondia aos

anseios e projetos de construção social com objetivo específico que era, fundamentalmente, o adestramento de corpos dóceis e úteis ao mercado de trabalho pós-revolução industrial. O século XXI alterou esse projeto drasticamente, portanto, a velha escola não responde mais as reais necessidades sociais contemporâneas. A escola hoje precisa pensar o sujeito em sua individualidade, o que implica respeito as diferenças, todas elas. Necessita, portanto, descobrir meios de prover o pleno desenvolvimento das capacidades e talentos individuais, justamente a motivação que levou o casal de entrevistados a optar por retirar os filhos da escola.

Entendemos, desta maneira, que a “desescolarização”, termo usado pelos defensores da educação exclusivamente doméstica, só faz sentido se discutido de maneira crítica com vistas a transformação da estrutura escolar que até o momento tem sido massificadora, colonizadora de pensamento e criadora de desejos e interesses artificiais em crianças, adolescentes e jovens. O que sugerimos, portanto, é o debate acerca da premente necessidade de alteração de paradigmas culturais. É preciso romper a lógica vigente que é patriarcal, heterocentrada e, sobretudo, parte de um sistema capitalista. Ou seja, processos de negação da vida e do pleno desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Aula 11 de janeiro de 1978. In: ____ **Segurança, território, população**. São Paulo; Martins Fontes, 2008. p. 03-38

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis; Vozes, 2014.



FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1977.

PRECIADO, Paul Beatriz. **La muerte de la clínica?** Madrid; Bocavulvaria, 2015.

